

Diplomacia e risco

Diplomacy and risk

Embaixador / Ambassador Rubens Barbosa

Advogado e mestre em política por formação. Diplomata por vocação. Essa paixão por servir o Brasil é tamanha que, ainda hoje, mesmo afastado do Itamaraty e trabalhando na iniciativa privada, transparece nas falas calmas e diretas do embaixador Rubens Barbosa.

No seu atual escritório na Avenida Faria Lima, uma das principais da capital paulista, ele relembra sua trajetória de sucesso e avalia os riscos inerentes aos cargos que ocupou.

Choques culturais, conflitos de opiniões e interesses, educação dos filhos, territórios em guerra, ataques terroristas, situações delicadas e crises políticas e econômicas são apenas algumas das turbulências enfrentadas por quem decide representar um País, ou, nesse caso, 190 milhões de brasileiros, no exterior.

Atualmente, Barbosa é consultor de negócios, mas mantém sua atividade pública escrevendo regularmente para os jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo* sobre política externa, comércio exterior e economia. E, nessa entrevista, além de falar sobre diplomacia, ponderação e princípios, ensina como transformar riscos em desafios.

By training, he is a lawyer with a masters degree in political science. By calling, he is a diplomat. Such is the passion he devotes to serving his country that, to this day, though he works in the private sector, away from the Itamaraty, it pervades the quiet tone and straightforward manner in which he addresses you.

In Barbosa's current office on Faria Lima Ave., one of the main thoroughfares of São Paulo, the ambassador reminisces on the path to success and weighs the risk inherent in the positions he's held.

Culture shock, conflicts of interest and opinion, child-rearing, territories at war, militant attacks, delicate situations, political and economic crises are a few of the troubles faced by who choose to represent a country abroad; in the ambassador's case, 190 million Brazilians.

Currently, Barbosa is a business consultant, but he maintains a public profile by writing for newspapers "O Estado de São Paulo" and "O Globo" on matters of external policy, foreign trade and economy. Throughout the course of this interview, we will discuss diplomacy, reflection and values, and also the lessons on how to turn a risk into a challenge.

Texto / Text:
Camila Carvas

**Dedicação absoluta
na defesa do interesse
nacional.**

**Utter devotion
to the defence of
national interest**



O desafio de uma vida a representar o Brasil

The challenges of a life in service to Brazil

Como e por que se decidiu pela carreira diplomática? E qual sua formação?

EMBAIXADOR RUBENS BARBOSA (ERB): Já entrei na faculdade de Direito pensando em ser diplomata. Tenho um tipo de vocação para o serviço público. E é um grande desafio representar o Brasil no exterior. Fiz o Instituto Rio Branco [escola que prepara diplomatas], no Rio de Janeiro, junto com a faculdade de Direito aqui em São Paulo por quatro anos. Apenas no quinto e último, mudei-me para o Rio de Janeiro e acabei formado pela Faculdade Nacional de Direito. Logo depois disso, em 1963, fui morar em Brasília. Depois, quando servi pela primeira vez na Inglaterra, fiz mestrado em Política na London School of Economics.

Além dos cargos diplomáticos, quais outras posições governamentais ocupou?

ERB: Exerci alguns cargos fora do Itamaraty, como no Programa de Desburocratização da Presidência da República e no Ministério da Fazenda. E fui embaixador na ALADI – Associação Latino-Americana de Integração – que envolve a maior parte dos países desta parte do continente. E, durante os cinco anos em que representei o Brasil em Londres, na Inglaterra, entre 1994 e 1999, também fui presidente da Associação dos Países Produtores de Café, a APPC.

Qual foi o cargo que lhe ofereceu o maior desafio? E qual foi o de maior risco?

ERB: Antes mesmo de me tornar embaixador, como conselheiro e depois como Ministro, tive vários momentos interessantes na carreira. Foram inúmeros desafios.

A crise das polonetas (dívida do governo polonês com o Brasil – entre 1977 e 1980, o País concedeu US\$ 2 bilhões em linhas de crédito para a Polônia, recebendo como garantia as polonetas, títulos que só poderiam ser resgatados quando o governo polonês tivesse dinheiro para pagar. Em 1991, o governo brasileiro concordou em dar um desconto de 50% na dívida polonesa, que já chegava a US\$ 3 bilhões) foi um desses desafios. Primeiro porque era preciso mostrar que o Itamaraty se manteve sempre transparente e direto. E, depois, mostrar as consequências que o endividamento com a Polônia acarretaria. Foram feitas diversas audiências públicas no Congresso na época. Preparei, inclusive, a exposição do então Ministro Saraiva Guerreiro e eu mesmo fui depor várias vezes no Congresso. Durante o regime militar, fui o responsável

How and why did you opt for a diplomatic career? How would you describe your training?

AMBASSADOR RUBENS BARBOSA (ARB): When I enrolled in Law school, I already had a mind to become a diplomat. Civil service is my calling. It is a major challenge to represent Brazil abroad. I attended the Rio Branco institute [diplomacy-training school] in Rio de Janeiro as I went to Law school here in São Paulo, for four years. On the fifth and final year, I moved to Rio de Janeiro and graduated from the Faculdade Nacional de Direito [National Law School]. Soon after, in 1963, I moved to Brasilia. Later, when I first served in England, I earned a masters degree in political science at the London School of Economics.

In addition to diplomatic duties, what other positions have you held in government?

ARB: I occupied a few positions outside Itamaraty, as in the Programa de Desburocratização da Presidência da República [Program to Roll Back Bureaucracy in the Presidency of the Republic] and the Ministério da Fazenda [Brazilian Ministry for Finance]. I was an ambassador to the ALADI – Associação Latino-Americana de Integração – [Latin-American Association for Integration] which includes most countries in Latin America. During the five years I represented Brazil in London, England, from 1994 through 1999, I also served as chairman of the Association of Coffee-Producing Countries, the ACPC.

What was the most challenging position for you, ever? Which one would you say carried the greatest risk?

ARB: Before I became an ambassador, as advisor and then as a Minister, I lived through a number of interesting moments in my career. I faced great and many challenges.

The “poloneta” crisis (Polish debt to Brazil – between 1977 and 1980, the country granted credit to Poland to the amount of US\$2 billion, and as collateral accepted the “polonetas”, securities that could only be claimed when the Polish government was capable of payment. In 1991, the Brazilian government agreed on a 50% rebate to the debt owed by Poland, which by then amounted to US\$3 billion) was one of those challenges. First off, because we had to demonstrate that the Itamaraty had always been transparent and straightforward. Secondly, we had to demonstrate the consequences that the Polish debt entailed. Several public hearings were then held at Congress. I drafted Minister Saraiva Guerreiro’s statement and I myself was several times requested to give deposition in Congress. During the military regimen, I was in charge

1. Washington
Washington

2. Em Washigton, com Bill Clinton
Washigton, with Bill Clinton

por coordenar a relação do Brasil com os países da Europa Oriental. E, naquele exato período, isso era algo bem delicado. Fiz diversas viagens à União Soviética, à então República Democrática Alemã, Bulgária, Hungria, Tchecoslováquia. Como diplomata, não tinha problemas na hora de entrar nesses países, nem quando retornava deles para o Brasil. Na função de subsecretário, no início dos anos 90, fui o primeiro coordenador do Mercosul (Mercado Comum do Sul, criado em 26 de março de 1991 com a assinatura do Tratado de Assunção, no Paraguai. Os membros deste bloco econômico são Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela). Os primeiros passos do processo de integração do cone sul foram dados, portanto, sob minha coordenação, o que foi um desafio muito interessante.

Pouco depois, quando eu era embaixador em Londres e tive que explicar a situação delicada pela qual o Brasil passava e as grandes mudanças introduzidas pelo plano Real.

Em quantos países serviu?

ERB: Tive uma carreira atípica no Itamaraty, porque servi em apenas três países. Na Inglaterra, em dois momentos diferentes, como secretário e, mais tarde, como embaixador; no Uruguai, como representante junto a ALADI; e, por último, nos Estados Unidos, também como embaixador. Fiquei cinco anos em cada embaixada e três anos em Montevidéu. Acabei trabalhando muito tempo em Brasília. Lá, ocupei todos os cargos, menos o de Ministro e o de Secretário-Geral.

of coordinating Brazilian relations with Eastern European countries. At that precise moment in time, this was a delicate matter. I often traveled to countries like the Soviet Union, the German Democratic Republic, Bulgaria, Hungary and Czechoslovakia. As a diplomat, I faced no obstacles to entry, nor did I have any trouble leaving for Brazil. As an undersecretary, during the early 1990s, I was the first coordinator of Mercosur (Common Market of the South, established March 26, 1991, by signing the treaty of Assunção) in Paraguay. The members of this bloc econômico are Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai and Venezuela). The first steps towards integration of the Southern Cone were taken, therefore, under my coordination efforts, which was a very interesting challenge.

Soon after, I was serving as ambassador in London and had to explain the delicate circumstances Brazil had to face and the massive changes introduced by the Real plan.

How many countries did you serve in?

ARB: *My Itamaraty career was atypical, as I only served in three countries. In England, on two separate occasions, first as secretary and then as ambassador; in Uruguay as representative with the ALADI; finally, in the USA, once again as ambassador. I served five years at each embassy and three in Montevideo. I wound up working a great deal of time in Brasilia. Over there, I served in every position but Minister and Secretary-General.*

“Em Brasília ocupei todos os cargos, menos o de Ministro e o de Secretário-Geral.”

“Over there [Brasilia], I served in every position but Minister and Secretary-General.”



3.
1985 - Antártica
1985 - Antartica

“Para mim, o problema maior que vivi foi o 11 de Setembro, em Washington, porque ninguém sabia o que vinha pela frente.”

“The trickiest bit I lived through was 9/11. I was in Washington then and nobody could say what was in store for us.”

Cumprir o dever sem abdicar dos princípios

To do one's duty, but never waiving principles

Como pode ser definido o papel de um diplomata?

ERB: O diplomata deve projetar a imagem do seu país no exterior e a missão dele é informar, analisar e representar o próprio país. Muita gente fantasia e acha que a vida diplomática se resume a festas e jantares, mas não é bem assim.

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas por um diplomata? Adaptação a costumes? Pressão nas negociações? Cultura? Traduções inadequadas?

ERB: No meu caso, não tive muito esse tipo de problema. Mas é muito comum, sobretudo, para as mulheres, que hoje representam cerca de 20% do Itamaraty. Porque é claro que se você vai servir em um país de cultura diferente, por exemplo, tem que seguir certas regras e costumes.

Mas o mais difícil é a família. Quando você é casado e tem filhos, é complicado. Eu tive sorte, porque quando voltei de Londres da primeira vez, fiquei muito tempo no Brasil e meus filhos puderam estudar aqui. Mas a maioria dos filhos de diplomatas, no entanto, é educada fora. Isso, por um lado é muito bom, porque as escolas e faculdades são de excelente qualidade, mas por outro lado, os deixa desenraizados. É preciso se ajustar a esses prós e contras.

Nas diversas funções que desempenhou, fatalmente deparou-se com diferentes riscos. Quais aqueles que mais se destacaram?

ERB: Risco mesmo existe em zonas de guerra, como aconteceu em Angola ou no Líbano. Para mim, o problema maior que vivi foi o 11 de Setembro, em Washington, porque ninguém sabia o que vinha pela frente. E, apesar das embaixadas não terem sido ameaçadas diretamente, havia o risco. Nós resolvemos ficar todos por lá mesmo, mas em muitas outras o pessoal saiu e foi para as suas casas. Ouvíamos as notícias de bombas que explodiam aqui e ali e os rumores aumentavam o grau de instabilidade. Entramos em contato com os brasileiros que conhecíamos para dizer que estava tudo bem. Não sabemos se as linhas foram cortadas ou se foi apenas um congestionamento porque todos queriam dar notícias, mas demorei quase uma hora e meia para conseguir conversar com o Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Como os ataques aconteceram em Nova Iorque e Washington, ficamos em contato com o consulado e aguardamos o desenrolar dos acontecimentos. As autoridades tomaram as medidas necessárias, mas o corpo diplomático não podia fazer nada.

Alguma vez esteve numa situação de risco físico?

ERB: Não, porque nunca tive posto em país em guerra. Não corri risco físico nem mesmo na época da minha atividade no Leste Europeu. Lá, o autoritarismo garantia a segurança. Pela força.

How would you define the role of a diplomat?

ARB: Diplomats must uphold their country's reputation abroad and it is their duty to inform, analyze and represent their own country. People entertain fantasies where diplomatic careers are all about parties and dinners, but that's not quite how it works.

What are the major difficulties a diplomat must face? Adaptation to foreign habits? Pressure during negotiations? Culture? Inadequate translation?

ARB: I did not experience such problems. However, these are common hurdles, especially for women, who now represent about 20% of the Itamaraty. Obviously, if you're going to serve in a country where the culture is different, you have to abide by certain rules.

The hardest thing is to manage family life. When you're married with children, things get complicated. I was lucky because, when I came back from London the first time, I stayed for quite a while in Brazil and my children were able to study over here. Most diplomats' children, however, go to school abroad. On the one hand, they get to attend excellent schools and universities. On the other hand, they're uprooted, alienated from their home country. We need to adjust to the pros and cons of it.

During the course of your career, you faced a number of risky situations. Which ones stand out to you?

ARB: Real risk is something you find in war zones, such as Angola or Lebanon. The trickiest bit I lived through was 9/11. I was in Washington then and nobody could say what was in store for us. Although embassies had received no direct threat, there was risk. We decided to stand ground, however, other embassies sent their personnel home. The media reported on bombs going off here and there, and rumours added to the uncertainty we felt. We contacted any and all Brazilians we knew to tell them everything was OK. We don't know whether the phone lines were cut off or the system was overburdened because everybody wanted to call home, but it took me almost an hour and a half to reach President Fernando Henrique Cardoso.

The attacks took place in New York and Washington, so we maintained contact with the Consulate and awaited developments. The authorities did what had to be done, whereas diplomatic bodies couldn't do much of anything.

Were you ever in physical danger?

ARB: No, because I never served in a country at war. Even during my time in Eastern European countries I was safe. Authoritarian regimes over there ensured your safety. By force.



4



5

Quais são os riscos de vida relacionados ao exercício da carreira de diplomata?

ERB: Exceção feita a casos específicos em países em guerra ou que vivem situações de ataques terroristas, não há grandes riscos nesta atividade. Posso citar dois casos que ajudam a ilustrar estas minhas observações. Lembro-me, por exemplo, da situação de colegas nossos, diplomatas, no Líbano. Durante um período de guerra, nossa embaixada em Beirute foi atingida por mísseis e, naquela hora, havia gente dentro do prédio. Felizmente não houve feridos nem mortos. Outro caso muito delicado ocorreu durante a Guerra Civil de Angola, quando a nossa embaixada, que está muito bem localizada em uma grande avenida, ficou no meio de fogo cruzado. O então embaixador me contou que as pessoas tiveram que ficar escondidas até tudo se acalmar; ele próprio, inclusive, teve que se esconder embaixo da mesa, para se proteger dos tiros, que vinham de dois lados. Em situações de crise como estas, onde há conflagrações, a embaixada fica sempre numa posição complicada, tendo que agir com cautela tanto para proteger as equipes como para dar suporte aos brasileiros radicados nas cidades atingidas.

E em casos de terremoto, por exemplo, num determinado país onde um diplomata está servindo, existe o risco físico e, eventualmente, o risco atrelado à própria organização dos brasileiros que estão na região? Existe algum procedimento específico?

ERB: O que houve mais recentemente nesse sentido aconteceu no Haiti. A embaixada não foi afetada gravemente, mas houve a perda de muitas vidas. O caso ali foi bastante dramático, pois muitos brasileiros morreram e o nosso próprio embaixador saiu ajudando as pessoas; nesses casos de emergência extrema, toda a embaixada trabalha para assistir aos que precisam. Eventos da Natureza são imprevisíveis, podem ou não nos afetar diretamente. Não me lembro de nenhum caso de terremoto no Japão ou em Los Angeles,

What are the life-endangering risks connected with a diplomatic career?

ARB: Except for countries at war or countries under militant attack, this is a relatively safe job. I can mention two cases to illustrate my point. Let me tell you about two of my diplomat colleagues in Lebanon. During wartime, our embassy in Beirut was hit by missiles and, at the time, there were people in the building. Fortunately, nobody was injured or killed. Another extremely hazardous situation took place during the civil war in Angola, when our embassy, located at a major avenue, was caught in crossfire. The gentleman who served as ambassador at the time told me that people in the embassy were forced to take cover until things quieted down. He himself had to duck under a desk to avoid the shots coming from two sides. In crises like these, where there is conflagration, the embassy is always in a delicate position. It must act carefully not only to protect its people but also to support Brazilians living in the affected areas.

What about earthquakes, for example, in a given country where a diplomat happens to be serving, is there physical risk and maybe risk attached to organizing any Brazilians living in the area? Are there specific procedures in place?

ARB: Let's look at what took place in Haiti. The embassy was not seriously damaged, but there was great loss of lives. The earthquake took a great toll, as many Brazilians died and our own ambassador went out to help people. During extreme emergencies, the whole embassy works to assist those in need. Natural disasters are unpredictable, they may or may not affect us directly. I don't recall any earthquake in Japan or Los Angeles, where they are commonplace, wreaking great havoc or causing a great number of Brazilian deaths, not even in our own embassies. But there was a flood in Nicaragua and, if memory serves, a Brazilian diplomat was

4.
Londres
London

5.
Embaixador no ALADI
Ambassador at ALADI

“Com a exceção dos casos de países que vivem em guerra ou sofrem ataques terroristas, não há grandes riscos nesta actividade.”

“Except for countries in a state of war or under militant attack, diplomacy carries no great risk.”

“É claro que o diplomata, como cidadão, tem suas próprias opiniões. Mas, na sua função, seu dever é cumprir instruções.”

“Naturally, a diplomat is a citizen with a mind of his or her own. The diplomat’s job, however, is to follow orders.”

“Os diplomatas são servidores do Estado, independentemente do governo.”

“Diplomats serve the State, not the government.”

onde é comum ter terremotos, que tenha havido uma grande destruição ou mortes de brasileiros ou em nossas próprias embaixadas. Mas em uma enchente ocorrida na Nicarágua, se não me engano, houve um diplomata brasileiro que acabou sendo arrastado pelas águas e veio a falecer.

Nas representações brasileiras, que eu me lembre, nunca aconteceu nada parecido com o ocorrido na embaixada da China na Sérvia, que durante a guerra foi atingida, erroneamente, por um míssil norte-americano.

Existe risco atrelado a traduções incorretas ou mal feitas? Por exemplo, tomando-se a questão do Irã, país que fala persa, e que está envolvido na polêmica do uso da energia atômica, em que o Brasil tem assumido papel diferente do grupo de países desenvolvidos, há algum tipo de dificuldade ou de risco?

ERB: Não, não há. Inclusive, do nosso lado, o presidente Lula contava com um tradutor excelente. Praticamente todas estas questões são tratadas em idiomas que os diplomatas brasileiros não precisam de tradução, porque todos falam inglês, francês e outras línguas de uso mais corrente, como o espanhol.

E as questões culturais, de não poder fazer determinado gesto em um país, de ter que se portar de uma forma específica em outro lugar, podem trazer riscos à atividade diplomática?

ERB: Hoje, no campo da diplomacia, isso não existe mais. Se alguém entregar um cartão com apenas uma mão no Japão, e não com as duas, como é o hábito, isso não afeta os negócios. Há, contudo, uma preocupação constante em receber bem as pessoas, em respeitar seus costumes e suas tradições. Tudo contribui para negociações melhores e para relacionamentos mais consistentes.

O filósofo Aristóteles dizia que o homem prudente não diz tudo quanto pensa, mas pensa tudo quanto diz. Em sua opinião, a carreira diplomática tem, ou exige, uma gestão de risco ainda maior sobre este tema?

ERB: É claro que o diplomata, como cidadão, tem suas próprias opiniões. Mas, na sua função, seu dever é cumprir instruções. Por isso, às vezes, pode haver um choque entre ele e a forma como funciona o Estado. É preciso ponderar muito antes. Minhas opiniões sempre foram conhecidas de todos, mas se o que eu propunha não era aceito, eu tinha que cumprir o decidido por meus superiores.

Houve divergências táticas e mesmo políticas, mas nada, nunca, foi contra a minha consciência. Até mesmo durante o governo militar, quando eu ainda não tinha cargo de chefia. Não tive de atuar em nada que fosse contra os meus princípios, tanto em relação aos direitos humanos ou à democracia. E eu tinha clara ligação com a oposição. Mas não era político e não me envolvia em questões políticas.

Fui nomeado embaixador pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e trabalhei um ano e meio na mesma posição no governo Luiz Inácio Lula da Silva. Nunca tive problemas para conciliar os dois lados. Mas o Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, fez um discurso em Brasília

carried away by the torrent and eventually died. Brazilian embassies, to the best of my recollection, never suffered anything like the Chinese embassy in Serbia which, during a bombing, was wrongfully struck by an American missile.

Are there risks associated with incorrect or inadequate translations? For example, consider Iran, a Persian-speaking country, which is embroiled in a controversy about the use of nuclear power. Brazil has opted for an approach unlike that of other different countries. Are there difficulties or risks here?

ARB: No, none. In fact, on our side, President Lula relies on the services of an excellent translator. Practically every issue is handled in languages that Brazilian diplomats master, as everyone resorts to English, French, and other widely used languages, such as Spanish.

What about cultural issues, not being able to make a given gesture, the need to behave a certain way, does that pose a risk to one’s activity as a diplomat?

ARB: These days, that is no longer a fact where diplomacy is concerned. Suppose you’re in Japan and you hand out a business card using only one hand, not both, as is their habit. That will not affect your business. There is, however, a constant concern, and that is entertaining people with courtesy and dignity, respecting their customs and traditions. Everything must contribute toward smoother negotiations and more consistent relationships.

Aristotle once said that a prudent man won’t say all that’s on his mind, but will mind all that he says. In your opinion, does a diplomatic career demand even greater care where public speaking is concerned?

ARB: Naturally, a diplomat is a citizen with a mind of his or her own. The diplomat’s job, however, is to follow orders. So the diplomat and the government may sometimes clash. We need to balance our choices very carefully. My opinions have always been widely known but, whenever my suggestions were turned down, I had to follow the orders of my superiors.

There were tactical and even political differences, but nothing ever went against the grain of my conscience. Even during the military regimen, before I had any leadership duties. I was not forced to make decisions against my principles, either in connection with human rights or democracy. And I was openly connected with the opposition. But I was not a politician and stayed out of political matters.

I was appointed ambassador by President Fernando Henrique Cardoso and worked for a year and a half, serving in the same capacity, for the government of Luiz Inácio Lula da Silva. I never found it difficult to reconcile my job and politics. But Celso Amorim, who’s been Minister of Foreign Affairs in Brazil, claimed in one of his speeches that diplomats must be engaged with the policies of any elected government. I disagree. The Itamaraty, the Federal Police, the Office of the Public Prosecutor... These are all a part of the State and not bodies in a political party. Many diplomats have suffered under the current government on account of their opinions.

onde dizia que os diplomatas têm que se engajar na política do governo eleito. Eu não concordo com isso. O Itamaraty, a Polícia Federal, o Ministério Público... Todos são órgãos do Estado e não de um partido político. Muitos diplomatas sofreram na atual administração por suas opiniões.

Os diplomatas são servidores do Estado, independente do governo. Se eu tivesse continuado, isso se colocaria como um problema que eu não tive no passado. É preciso acatar ou pedir para sair. É correto mostrar sua opinião, mas depois de tomada uma decisão, deve-se cumpri-la. O interesse do Estado está acima de ideologias ou partidos.

Crê que o risco do diplomata alguma vez poderia ser um risco segurável por uma Seguradora?

ERB: Nós temos apenas seguro de vida, mas por causa de doença. Eventualmente, em uma guerra, pode-se pensar em alguma coisa, mas são decisões pessoais. Porque o Itamaraty mesmo não faz outro seguro.

Diplomats serve the State, not the government. If I had stayed on, my position would have become a problem, one of a kind I'd never experienced. You either accept that or leave the Civil Service. It is right for you to express your opinion, but once you've made a decision, you must abide by it. The interests of the State transcend those of ideologies or parties.

Do you believe that diplomatic risk might ever be handled by an insurance carrier or broker?

ARB: All we have is life insurance, but this mostly covers health risks. Possibly, say if there was a war on, we might consider other options, but these are personal decisions. The Itamaraty will not take out any other kind of insurance policy.

Uma missão chamada Brasil

A mission called Brazil

O que a vida quer da gente é coragem, conforme dizia Guimarães Rosa. O senhor concorda com esta frase?

ERB: Claro, e minha carreira demonstra isso. Eu nunca olho para trás. Ocupei todos esses cargos, saí, guardo ótimas recordações, mas não olho para trás.

Estava cuidando do Mercosul, por exemplo, e fui para Londres. É claro que acompanhei o desenrolar das negociações, mas sem pensar no que eu tinha feito. Sem saudosismo. A mesma coisa aconteceu quando deixei Washington e comecei uma nova vida no setor privado.

Também sempre tento superar os desafios. Nunca aceitei um “não” como resposta definitiva. Nunca levei problema para os meus chefes, mas, sim, apresentei soluções. Quando virei chefe, esperava a mesma atitude dos meus subordinados.

Nunca evitei os caminhos mais difíceis. O importante era colocar o Brasil no mapa. Em Washington, por exemplo, são 196 embaixadas. Para emergir em um ambiente assim, de muita concorrência, é preciso planejamento e dedicação completos. E eu sempre trabalhei assim. Planejar, executar da melhor maneira possível e apresentar um relatório final.

Para mim, o serviço público é um grande desafio. E o interesse nacional está acima de tudo. Enfrentei sempre esse desafio com uma atitude positiva. Duas pessoas me ensinaram muito. Uma delas, Wladimir Murtinho, foi meu chefe desde o começo. Para ele, nada era impossível. E a outra foi o Olavo Setúbal, que me ensinou a noção de

What life demands from us is courage, as Guimarães Rosa said. Do you agree?

ARB: Of course, and my career demonstrates just that. I never looked back. I served in a number of positions, outgrew them, have wonderful memories, but no looking back for me.

I was busy with Mercosul, for example, and I went on to London. Obviously I kept up with the negotiations, but never a thought for what I'd done. No clinging to the past. The same thing happened when I left Washington and started a new life in the private sector.

I also try to overcome challenges. I never took “no” for an answer. I never went to my bosses with problems. I went to them with solutions. When I became a boss myself, I demanded the same from my subordinates.

I never avoided the uphill battles. The important thing was to put Brazil on the map. In Washington, there are 196 embassies. For you to get noticed in an environment like that, rife with competition, we need unfailing dedication and planning. That's the way I've always done things. Plan and execute the best possible way and deliver a final report.

To me, the Civil Service is a major challenge. National interest comes first. Before anything else. I've always met that challenge with a positive outlook.

Two people have taught me a great deal. One of them, Wladimir Murtinho, was my boss in the early days. To him, nothing was impossible. The other one was Olavo Setúbal, who taught me about

“Nunca evitei os caminhos mais difíceis. O importante era colocar o Brasil no mapa.”

“I never avoided the uphill battles. The important thing was to put Brazil on the map.”

6.
1985 - Chefe de Gabinete de Olavo Setubal
1985 - Olavo Setubal's Office Manager

“É uma grande responsabilidade tomar a palavra, nos momentos bons e ruins, em representação de uma nação.”

“It is a major responsibility to address the world, through thick and thin, and speak as representative of an entire nation.”



prioridade. Porque há muita coisa a ser feita e é preciso saber distinguir aquilo que é importante. Desenvolvi meu trabalho seguindo nessas linhas.

Tive muito prazer nessa carreira, que é bastante desafiadora. O processo, às vezes, é angustiante, mas sentar numa mesa com a placa Brasil na frente é muito estimulante e desafiador. Ninguém atribui muita importância à política externa. No começo dos governos ela é sempre a última prioridade. Mas no final, torna-se a primeira. O diplomata leva a bandeira de seu país. Ele fala em nome do país. É uma grande responsabilidade tomar a palavra, nos momentos bons e ruins, e falar alguma coisa representando uma nação.

Em Washington, onde assumi o posto mais importante da diplomacia, vivi uma experiência gratificante, que foi a transição dos governos. Sou grato por tudo que me permitiram fazer. E tenho a sensação de dever cumprido. Hoje, sei que tenho uma história. Tem gente que passa pelo Itamaraty e ninguém sabe o que fez. Eu tenho realizações concretas. Foram 42 anos com posicionamentos. Nem sempre ganhei. Muitas vezes, consegui convencer meus superiores e subordinados. E tive que aceitar muita coisa também. Mas nunca deixei de dar a minha opinião.

E, aos 65 anos, comecei uma vida nova no setor privado. Pedi para sair do Itamaraty antes da aposentadoria – ainda teria uns seis ou sete anos lá – mas ainda tenho uma atividade pública com os artigos que escrevo, as palestras que ministro... Ainda defendo posições claras sobre economia, comércio exterior, política externa e política. Continuo pensando no Brasil.

priorities. Because there is so much to be done and you need to tell what's important from what's not. I developed my work along those lines.

I've derived great pleasure from my career, which afforded a number of challenges. Sometimes the process is disheartening, but sitting at a table where the nameplate in front of you reads "Brazil" is exhilarating and challenging. Nobody thinks a great deal of foreign policy. When governments get their start, it's the last thing on their minds. In the end, it becomes the first. A diplomat is a standard-bearer for his or her country. They speak on behalf of their country. It is a major responsibility to address the world, through thick and thin, and speak as representative of an entire nation.

In Washington, where I attained the highest possible position in diplomacy, I lived through a gratifying experience, which was a change in government. I am grateful for all I was allowed to do. And I feel that I've done my duty. Today, I know that I have a visible track record. Some people serve at the Itamaraty and are promptly forgotten. I have material accomplishments. It's been 42 years of responsibility. I haven't always come out on top. Many times, I was able to convince my superiors and subordinates. Many a time, I was forced to accept things and let go. But I never failed to express my opinion.

At 65, I started a new life in the private sector. I asked to resign from the Itamaraty before retirement – I might carry on over there for six, seven years – but I am keeping a public profile through my newspaper articles and the lectures I hold. I still advocate clearly articulated views on economics, foreign trade, foreign and domestic policies. Brazil is always on my mind.

“Sou grato por tudo o que vivi e tenho a sensação de dever cumprido.”

“I am grateful for all I was allowed to do. And I feel that I've done my duty.”